

# ETHOS E ANÁLISE DO DISCURSO: CONTRIBUIÇÕES PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

Andreza Shirlene Figueiredo de Souza (UFPB)  
[andrezashirlene@yahoo.com.br](mailto:andrezashirlene@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

O importante papel do Letramento literário e o direito à Literatura como fonte humanizadora há alguns anos já vem sendo bastante discutido, como podemos observar em Cosson (2014), Candido (1995). O primeiro defende a promoção de aulas literárias voltadas para “letrar”, despertando o interesse dos estudantes em lerem o texto e, assim, não mais engessar o discurso literário com soluções aparentemente mais práticas de ensino, como abordar apenas a história da literatura, substituindo as obras por outras fontes como: filmes, resumos etc. O segundo propõe que a Literatura é um bem tão humanizador que todos deveriam ter direito a ela.

Com isso, pensamos o que a escola tem feito para assegurar a manutenção desse bem tão precioso para seus alunos? Sem querer questionar o que não gera esse mantimento, pois implicaria severas conclusões, colocamos aqui contribuições a partir das concepções teóricas da Análise do Discurso da linha francesa (*ethos* e a heterogeneidade discursiva) como fonte inspiradora e prática para a promoção do Letramento literário nas escolas, em especial no Ensino Médio.

Com isso, visa contribuir para que os estudantes compreendam como os discursos literários surgem e se organizam e que estes fazem parte de sua prática social, despertando assim, maior encanto para as leituras de textos literários e fazer com que entendam que estes contribuem para sua formação humana e social.

Partimos do princípio das seguintes problemáticas: O que fazer para que os estudantes do Ensino Médio tenham prazer em ler textos literários? Como estimulá-los a uma análise reflexiva e constitutiva do discurso literário a partir dos fundamentos teóricos da Análise do Discurso que aqui chamaremos de AD (*ethos* e heterogeneidade discursiva)? Como fazer com que as aulas de Literatura sejam mais envolventes? O que fazer para promover o Letramento literário? Uma vez que, por vezes, demonstram dificuldades de interpretação, nas quais muitas vezes estão atreladas à falta de interesse pela leitura desses textos, não despertando neles uma leitura e nem uma aprendizagem literária que carreguem suas vidas de uma experiência tal que a constitua como fonte de prazer. “Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de ‘letrar’ literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito.” (OCN’s, 2008, p.54).

Com a finalidade de responder a esses questionamentos, este artigo tem como objetivo desenvolver um modelo metodológico que vise à formação analítica do discurso literário (constituição, formação, produção e recepção – sustentada por concepções teóricas da AD) e não apenas a informação da história da literatura, ou seja, corroborar para que as aulas de literatura abordem o texto literário como prática social dos alunos.

Para fins de organização deste artigo dividimos em 5 partes afora a introdução e as conclusões finais: primeiramente, entenderemos o conceito de *ethos* com base em Maingueneu (1997), (2006), Amossy (2005); na segunda, a relação do *ethos* com o discurso pedagógico; na terceira, como é visto o *ethos* na AD baseado em Maingueneu (1997); na quarta, as contribuições do *ethos* para o Letramento literário e na quinta, as contribuições da AD para o Letramento literário.

Desta maneira, irá se balizar um quadro teórico ajustado na AD para a estruturação metodológica do ensino do Letramento literário, já que entre eles há um relacionamento tão bem conjugado, pois ambos têm o papel de inscrever a linguagem e, conseqüentemente, o sujeito do discurso em situações sócio-históricas, como pode ser defendida por Brandão (2012, p.103) “a Análise do discurso volta-se para o ‘exterior’ linguístico, procurando apreender como no linguístico inscrevem-se as condições sócio-históricas de produção”.

## 1 – O que é mesmo o *ethos*?

A palavra é peça chave da matéria constitutiva do mundo, desde seu início vemos a autoridade da palavra “encarnada” para a elaboração de um discurso e, assim, compreendermos que sem ela nada tinha ou tem sentido.

Logo, a noção de *ethos*, pode ser representada por: o modo de dizer corresponde ao modo de ser de um orador, ou seja, é no, pelo e para o discurso que um orador efetua uma imagem de si, como já defendia Amossy (2005, p.09) “o locutor efetua em seu discurso uma representação de si.”

Essa exposição de si está relacionada em atender às expectativas de seu público, isto é, fazer com que seu discurso tenha credibilidade. Logo, essa apresentação de si não está centrada apenas no enunciador, mas também no seu receptor, como um jogo em que cada um contribui com o outro para possivelmente constituir a tentativa de toda formação discursiva que segundo Maingueneau, (1997, p. 49) nada mais é do que “convencer que consiste em atestar o que é dito na própria enunciação.”

No entanto, para se chegar a essas conclusões contemporâneas sobre o papel do *ethos*, é importante lembrar que sua composição vem desde a retórica antiga com Aristóteles que constitui sua fonte *primária*, que a grosso modo, seria a autoridade do orador para influenciar seu auditório, voltada totalmente à arte da persuasão, cabendo segundo o próprio autor, ao orador escolher as diferentes paixões que deve suscitar em seu auditório. Nessa noção Maingueneau (2006, p.15) relata:

A persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo *ethos* que ele: persuadir consistirá em fazer passar pelo discurso um *ethos* característico do auditório, para lhe dar a impressão de que é um dos seus que ali está.

Essa visão da retórica de Aristóteles está formada a partir de bases tripartida: o *logos* que seria a razão, a argumentação objetiva; o *pathos* que seria a emoção, o poder do convencimento e o *ethos* que seria a conduta, abordando o aspecto ético e moral do enunciador em seu discurso.

Depois a noção de *ethos* passa por várias abordagens dentre elas: a linguística da enunciação que inscreve o locutor no discurso, visões defendidas inicialmente por Benveniste, depois por Catherine Kerbrat-Orecchioni que examinou os “procedimentos linguísticos” (modalizadores, termos avaliativos, etc.) pelos quais o locutor estampa sua marca no enunciado, inscrevendo-se na mensagem (Cf. MAINGUENEAU, 2006, p.11).

Em seguida passa pela contribuição de Erving Goffman que via o papel da imagem de si e do outro, construída no discurso a partir de uma expectativa da interação, assim afirma que “a influência recíproca que os parceiros exercem sobre suas ações respectivas quando estão em presença física uns dos outros.” (ERVING GOFFMAN, 1973 apud MAINGUENEAU, 2006. p.12). Passando pelo conceito de face que nada mais é do que a valoração positiva social que cada sujeito assegura por meio

de ação acerca do que os outros deduzem que ele defendeu durante um contato particular.

Depois Kerbrat-Orecchioni retoma a concepção de gerenciamento de faces para salientar como ele rege a língua, os fatos estruturais e as formas convencionais. Chegando assim, na análise conversacional que tem por objetivo unir o estudo dos fenômenos linguísticos aos aspectos interacionais, visando enfatizar a imagem que o locutor faz de si e do outro, reciprocamente.

Por fim, a concepção de *ethos* passa por uma abordagem em termos pragmáticos, voltada para a enunciação a partir de Ducrot, essa visão defende a fala como ação que almeja influenciar o seu parceiro; e a outra em termos discursivos, voltado para a Análise do Discurso a partir de Maingueneau, que exalta o estreitamento de um discurso e de uma instituição, como também o retorno à ideia de um discurso eficaz. Só para citar algumas, que nesse artigo, achamos mais convenientes.

Contudo, no que toca a noção do *ethos*, podemos dizer que seu ponto primordial seria a relação dialética do eu com o outro, mostrando assim, que seu conceito imbrica numa relação mútua de apresentação de imagens de um eu com um tu.

## **2 – *Ethos* e discurso pedagógico**

Partindo do princípio de que o *ethos* é a apresentação de si e o impacto dessa no outro, podemos concluir que ele é primordial no discurso pedagógico, uma vez que irá influenciar a visão do processo de ensino e aprendizagem das aulas, por isso é necessário que o locutor, no caso, o professor tenha essa concepção, pois terá a importantíssima tarefa de “credibilizar” sua fala em perspectiva do outro – estudante.

Essa credibilidade irá gerar a aceitação do dito do docente na cena enunciativa e, em síntese, motivará o público a adesão das propostas pedagógicas seja desde o conteúdo às atividades, inserindo assim, o sujeito na linguagem e esta inscrevendo-o em sociedade.

Então, defendemos que a constituição do *ethos* do professor no, pelo e para o discurso pedagógico é essencial, pois contribuirá para aulas mais significativas para os estudantes, na medida em que estes observarão a partir da linguagem que tem caráter subjetivo e ideológico do docente, que o que está sendo dialogado será importante para sua constituição enquanto sujeito, pois corresponderá a sua construção de mundo de forma reflexiva e autônoma.

Assim, se faz necessário para aulas de literatura, que é nosso objeto de estudo, um *ethos*, isto é, um discurso pedagógico, que privilegie a relação de textos literários à prática social dos estudantes, o que é chamado de Letramento literário. Se o professor em seu discurso concentra a aula de literatura em sua historicidade, ou a deixa para segundo plano, influenciará negativamente a visão literária para seus discentes, já que mostrará através de seu *ethos* discursivo uma insignificância para a leitura e análise discursiva de textos literários.

Concluimos, então que é de suma importância o professor na representação da sua imagem com o outro, ou seja, sempre pensando no outro; possa cooperar para um *ethos* que vise um despertar pelo prazer da leitura de textos literários e, assim, suscitar nos estudantes o interesse para uma interpretação eficaz desses, como também mostrar seu caráter fundamentalmente social e humanizador.

## **3 – *Ethos* e a Análise do Discurso**

A concepção de *ethos* defendida pela AD está atrelada não ao “dom” que o sujeito tem para causar o efeito pretendido junto ao seu público, mas mostrar que esses efeitos são impostos por uma formação discursiva e não por ele mesmo, nessa linha Maingueneau (1997, p.45) afirma:

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação ‘psicologizante’ e ‘voluntarista’, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos não pelo sujeito, mas pela formação discursiva.

Assim, é a formação discursiva que irá representar o tipo de discurso apropriado para atender às expectativas de um determinado auditório, contribuindo assim, para o que deve ser dito numa conjuntura dada a fim de que o *ethos* do locutor seja entendido, por exemplo, se representa um discurso político, demagógico, filosófico, etc.

Outra contribuição da AD para o *ethos* é a sua relação com *tom*, conferindo assim, a credibilidade de um discurso, na medida em que há uma correlação entre os sujeitos envolvidos nele, fazendo com que se reconheçam no discurso, pois estão atrelados a uma voz. E é justamente esse *tom* que marca o *caráter* e a *corporalidade* discursiva do locutor em seu destinatário, visão essa defendida por Maingueneau (2005, p. 16) “o tom se apoia sobre uma ‘dupla’ figura do enunciador, a de um *caráter* e de uma *corporalidade*.”

Essa relação também colabora com a escolha da cena enunciativa, isto é, o locutor escolhe o discurso que quer empregar baseado no contexto enunciativo e o que pretende com ele, por exemplo, uma mãe pode falar a seus filhos como autoridade da casa, como pessoa mais experiente, como professora, etc.

Por fim, a AD aborda o *ethos* como: “maneira de dizer que autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si” (AMOSSY, 2005, p.16) mediante ao seu auditório, ou seja, a eficácia discursiva que bebe na retórica a questão da credibilidade do discurso, correspondente à formação discursiva institucionalizada para cumprir o fim de convencimento que consiste em atestar o que é dito a partir da própria enunciação.

Orlandi (2009, p.15) afirma que a “Análise do Discurso (AD) concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” Com isso, compreendemos que AD oportuniza o discurso como prática social, primando não por concepções estruturais, mas ver a língua como fenômeno dialógico, inscrevendo o sujeito a partir da linguagem em acontecimentos sócio-históricos, relacionando-a a sua exterioridade.

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (ORLANDI, 2009, p.16)

Assim, ela utilizará estratégias de análise que descreve uma estrutura baseada em um acontecimento que está presente na memória e se reproduz através da formação discursiva de cada indivíduo, que dependerá de sua ideologia, estando pautada na interdiscursividade, o que influenciará nos efeitos de sentidos para um determinado discurso seja na sua produção ou recepção.

#### **4 – *Ethos*: contribuições para Letramento literário**

Como o *ethos* constitui a maneira de ser de um orador a partir de sua maneira de dizer com o intuito de atender as expectativas do seu público, podemos então concluir que ele é elementar para o ensino do Letramento literário, uma vez que contribuirá para a relação dialógica entre a imagem do locutor junto ao seu auditório. Com isso, poderia ser trabalhada nos textos literários a relação do eu com o outro, isto é, a imagem que o enunciador quis passar para o seu interlocutor, através de seu diálogo com ele, como, por exemplo, no seguinte trecho do livro *Quincas Borba* de Machado de Assis, assim como em outros do mesmo autor. Observe o exemplo:

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as Memórias póstumas de Brás Cubas, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. (ASSIS, 2007, p. 8).

Ainda em relação às contribuições do *ethos* para uma análise mais rica de textos literários, enfatizamos que ele pode ser elencado como forma de mostrar que todo discurso é regido por formações discursivas e, conseqüentemente ideológicas, determinado por cenas enunciativas. Nesse caso poderia ser solicitado ao aluno que analisasse qual o discurso empregado em uma determinada obra literária, sempre orientada pelo professor; como, por exemplo, o discurso irônico em Machado de Assis, o erótico em Nelson Rodrigues, o fantástico em Murilo Rubião etc. Isso pretende mostrar aos estudantes que os produtores escolhiam um determinado discurso, dependendo de sua formação discursiva, para convencer seu “auditório”, nesse caso seus receptores.

[...] de acordo com o qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre o seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, P.45)

Essa abordagem é imensurável, uma vez que os discentes poderiam tirar conclusões sobre as posições ideológicas que os autores literários assumem em seus discursos à medida que descrevem sua imagem a partir deles e assim, perceberiam que a “tom” que caracteriza os discursos dos outros, como, por exemplo, “tom Machadiano”, de escrever, “tom Drummondiano” etc. E assim, marcar o texto do autor, fazendo com que se reconheçam e concluam que este texto é machadiano, Drummondiano etc., que seria percebido através da experiência estética com as obras. Com isso, os alunos ganhariam um subsídio a mais para se tornarem leitores mais críticos em relação ao discurso do outro, compreendendo, portanto, tanto o seu papel social quanto o do outro.

Parece-nos que a fé em um discurso, a possibilidade de que os sujeitos nele se reconheçam presume que ele esteja associado a uma certa voz (que preferiremos chamar de *tom*, à medida que seja possível falar do “tom” de um texto do mesmo modo que se fala de uma pessoa). (MAINGUENEAU, 1997, P.46)

#### **5 – AD: contribuições para Letramento literário**

Como a Análise do Discurso (AD) se pauta numa visão de discurso como prática social, que visa analisar sua constituição de produção, levando em conta aspectos: históricos, linguísticos, políticos, ideológicos, ou seja, práticas muito concretas que estão presentes em cada produção discursiva; entendemos que ela servirá de base para o Letramento literário, uma vez que este também comunga dos mesmos objetivos. Visão confluyente com a de Brandão (2012, p. 103) “a Análise do discurso volta-se para o ‘exterior’ linguístico, procurando apreender como no linguístico inscrevem-se as condições sócio-históricas de produção.” Sem falar que os próprios PCN’s (2002, p.460) afirmam que o ensino deve estar pautado na análise do discurso como aporte para aprendizagens mais significativas, “que se espera hoje é que o professor desenvolva a análise do discurso, valendo-se dos conhecimentos e das ferramentas que a gramática normativa, a linguística e a semiótica tornaram-se possíveis.”

Então, sua contribuição será criar estratégias através de seus fundamentos teóricos como: a heterogeneidade discursiva; que são essenciais para o professor nas aulas de Letramento literário, que se dispõe a tornar sua prática mais eficaz e mostrar que aqueles podem ser um ótimo suporte teórico para a formação de leitores literários mais conscientes e críticos, deixando de ser meros receptores apáticos desses discursos. Com isso, primará nas aulas de literatura pela compreensão de condições de produção dos textos literários, mostrando aos alunos que eles foram escritos por um determinado autor que estava inserido em tal momento histórico, político, ideológico, linguístico etc., despertando nos estudantes interesse por averiguar qual a contribuição deste autor e da sua obra para sua formação discursiva. Nesse sentido, Mainguenu (1997, p.11) defende: “pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”.

Uma prática didática a partir dessa visão seria pedir para os alunos lerem os sermões do Pe Antônio Vieira enfatizando a análise da organização ideológica, política, histórica e linguística presentes ali e suas contribuições para a formação discursiva do Pe Antônio Vieira em sua oratória, podendo também solicitar confrontá-los com outros discursos, como os sermões da bíblia ou de religiões pertencentes de cada aluno. E ainda, fazer um contraponto da formação do discurso religioso encontrada em Vieira, como exemplo no *Sermão da Sexagésima* e no poema de Gregório de Matos – *A Jesus nosso Senhor*.

Assim como, propor aulas de literatura que oportuniza aos discentes orientações sobre o papel da heterogeneidade tão presente em qualquer texto, mas de uma primazia nos literários, como intertextualidade, pressupostos, ironia, polifonia, etc. A partir dessas concepções poderia ser mostrado como são construídos os efeitos de sentidos na recepção dos textos, com o intuito de indicar aos estudantes como esses são importantes para qualquer construção e constituição discursiva, inclusive a literária. E não, apenas focar em questões meramente linguísticas.

[..] o desafio a que a análise do discurso se propõe é o de realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzem o discurso a análise de aspectos puramente linguísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia. Ela opera com o conceito de ideologia que envolve o princípio da contradição que está na base das relações de grupos sociais [...]. (BRANDÃO, 2012, p. 103)

Logo, um bom exemplo para esse tipo de análise, seria trabalhar o texto de Gonçalves dias – *Canção do exílio*, mostrando para os estudantes outros com a mesma temática, como: *Canto do regresso à pátria* de Oswald de Andrade e *Canção do exílio* de Murilo Mendes, mas com visões divergentes da Nacionalidade. Então, daria para

abordar nessa atividade a concepção de intertextualidade, sua função, os pressupostos, assim como a ironia presente neles.

Nessa visão, propõe mostrar que todo texto, inclusive o literário não é homogêneo e depende de outros para sua formação e constituição. Diante disso, poderia ser solicitado ao aluno, por exemplo, no conto *Retábulo de Santa Joana Carolina* de Osman Lins (livro *Nove, novena*) a identificação de várias formações discursivas para a sua constituição, como a religiosa, a profana, a fantástica etc. Visão essa, bastante difundida pela AD e que serve para despertar o interesse dos discentes na leitura e interpretação dos textos literários, já que norteia e trilha o caminho para uma análise reflexiva pautada no discurso e não dissociada deste, tornado-a prazerosa e com uma finalidade a ser cumprida, pois está centrada na experiência com o próprio texto. “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. (ORLANDI, 2009, p.43).

Como também nesse mesmo conto poderia ser trabalhada a polifonia, assim como nos contos: *Pentágono de Hahn* e *Os confundidos* do mesmo autor e livro. Na verdade, nos textos literários de Osman Lins poderia ser enfatizado vários fundamentos teóricos da AD, como o interdiscurso e outros que já foram citados, pois seus textos são riquíssimos para aspectos analíticos discursivos.

Entender que todo texto é construído a partir de determinada conjuração seja espacial ou temporal é de essencial importância para a promoção do Letramento literário; uma vez que enfatiza que todo discurso tem uma organização e que para seu sentido é necessário que entendamos como isso funciona. Compreendendo assim, que tudo o que está escrito constitui o mundo de um sujeito que é histórico e, portanto, social e que depende do outro como um ato solidário para a sua formação discursiva.

E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de sujeito ideológico. Sua fala é recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos dos outros. (BRANDÃO, 2012, p.59)

Um outro modo de trabalhar didaticamente a partir da AD é o da Literatura comparada, mostrando que não há apenas a formação discursiva tal, mas formações discursivas que divergem mesmo dentro de um mesmo movimento literário, devendo ser visto sempre dentro do texto – discurso; como exemplo, o Regionalismo da 2ª fase modernista não é narrado da mesma forma em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O Quinze* de Rachel de Queiroz; isso é claro, influenciado pela estilo individual de cada autor, ou seja, de sua formação ideológica ou formações discursivas. Nesse caso, poderia ser solicitado ao discente analisar as divergências constitutivas do discurso regionalista, influenciadas pelas formações discursivas dos autores, apesar de estarem inseridos na mesma época. Essa atividade poderia acontecer com textos (obras) de qualquer Movimento literário.

Assim também, poderia ser pedido ao aluno a comparação do texto literário abordado com outras mídias, como uma música que faz paralelo com a mesma temática presente na obra ou um filme baseado nela, com o intuito de *motivar* a leitura, já que seria uma abordagem mais próxima da realidade dos estudantes. Um bom exemplo para isso, seria quando fosse trabalhar as concepções temáticas e discursivas de o *Navio Negreiro* de Castro Alves, levar a música do Rappa – *todo camburão tem um pouco de*

*Navio Negreiro*. Mostrando também a presença do interdiscurso nessa música a partir do seu próprio título que faz referência ao texto de Castro Alves.

Ainda poderia ser analisada a ironia, muito recorrente em textos de Machado, como na própria personagem de Capitu, na herança deixada ao cachorro em *Quincas Borba* e na própria reflexão do pensamento filosófico do Humanitismo dessa personagem “ao vencedor as batatas”, como também no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, na sua célebre dedicatória e no parágrafo do último capítulo intitulado – *Das negativas*.

Contudo, compreendemos que a AD pode exercer uma grada influência para as aulas que primam pelo Letramento literário, fazendo parte do uso prático dos discentes em suas leituras e análises de discursos literários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho nos propomos a apresentar concepções como o papel do *ethos* e da heterogeneidade discursiva pautadas na AD, com a intenção não de mostrar a fórmula mágica para a superação do fracasso das aulas de literatura, sem generalizações; nem poderia pretender a isso, já que as soluções devem ser procuradas na prática de cada professor. Entretanto, tentar sanar, pelos menos o mínimo possível, a lacuna de que o ensino da literatura deva vir em segundo plano, já que em alguns casos é apenas ensinada como pretexto para trabalhar aspectos gramaticais ou como mero trabalho de pesquisa extraclasse para depois fazer uma simples atividade de exposição seja oral ou escrita em qualquer gênero, totalmente desvinculada do contato real com o texto.

Assim, o objetivo maior é oportunizar estratégias a partir dos fundamentos da AD e, conseqüentemente, do *ethos* para uma melhor compreensão do discurso literário, uma vez que para isto acontecer é necessário que analisem e entendam como esses discursos surgem e se organizam socialmente, e assim “letrá-los”, já que os textos literários também estão presentes na vida social do aluno, por isso se faz indispensável seu domínio.

Desse modo, o desenvolvimento desse artigo trará para a academia importantes pesquisas sobre o papel da AD para o ensino do Letramento literário, já que entre eles há visões tão próximas de trabalho discursivo, assim como demonstrar que eles são elementares para o processo de ensino e aprendizagem de língua materna que vise práticas sociais, humanizadoras, reflexivas e críticas.

Logo, consideramos que as questões abordadas neste artigo, verdadeiramente, sejam mais um passo a fim de encorajar pesquisadores e/ou professores-pesquisadores a realizarem múltiplos trabalhos que envolvam assuntos sobre o Letramento literário a partir da Análise do Discurso, juntamente com o *ethos*, e, assim, colaborar para a reflexão de aulas que visem à análise das diversidades discursivas presentes nos textos. Almejamos também que seja uma grande troca intelectual entre os interlocutores, uma vez que todo texto é resultado de uma cooperação entre eles.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Imagem de si no discurso: a constituição do *ethos***. Tradução Dilson F. da Cruz. São Paulo: Contexto 2005,
- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., 2007



- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2002
- BRASIL. MEC. **Orientações Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtec, 2008.
- BRANDÃO, Helena H. Negamine. **Introdução à análise do discurso**. 3ª ed. rev. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.
- CÂNDIDO. A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_ **Vários escritos**. 3.ed. rev. E ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 235-263.
- CEREJA. W. Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.
- CHIAPPINI, Lígia. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. IN: GERALDI, J. Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. São Paulo: Pontes, 3ª ed., 1997.
- \_\_\_\_\_, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA; SALGADO (org.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2006. pp. 11-29.
- MELO. Carlos Augusto de. Literatura para quê, professor? In: MELO, C., Sales, L. Souto; SANTOS, L., SILVA, M.P. **Linguagens, educação e tecnologia: implicações para o ensino**. João Pessoa: EdUFPB, 2013.
- ORLANDI. Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.
- OSAKABE. H. Ensino de Gramática e Ensino de Literatura. IN: GERALDI, J. Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.
- OSMAN, Lins. **Nove, novena: Narrativas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.